

Notícia de *Suma y narración de los Incas* de Juan de Betanzos (Peru, 1551)

João Adolfo Hansen*

[...] qui malos percudit in eo quod mali sunt, et habet vasa interfectionis, ut occidat pessimos, minister est Dei

[[...] aquele que fere os maus naquilo por que são maus e tem instrumentos de morte para matar os piores é ministro de Deus]
(São Jerônimo, Ezequiel, 3, cit. por Sepúlveda, Juan Ginés de. In: Tratado sobre las justas causas de la guerra contra los indios)

[...] mana unan changa runan calcuna
[[...] essa é gente de que não se pode ter entendimento]
(Atahualpa. In: Betanzos, Juan de Betanzos. In: *Suma y narración de los Incas*, 2ª. parte, cap. XXI)

Resumo: O texto trata da estrutura retórica da crônica em *Suma y narración de los Incas* (Cuzco, 1551), de Juan de Betanzos, propondo que sua disposição e elocução imitam a oralidade de *quipucamaio* ou incas narradores dos *quipus*. Seguindo a narrativa de Betanzos através dos 48 capítulos da primeira parte e dos 33 da segunda, o texto expõe os modos como conta as origens míticas do Tahuantinsuyo, as vidas dos primeiros Incas, a vida e os feitos do Inca Pachacutec e os acontecimentos principais da guerra civil que dividia o reino inca quando os espanhóis chegaram e, como se fossem o deus Viracocha, capturaram Caxamalca e assassinaram Atahualpa, em 1532, pondo fim ao Tahuantinsuyo.

Palavras-chave: Crônica, gênero histórico, conquista espanhola, Inca, Tahuantinsuyo, Viracocha.

Abstract: This article is about the rhetorical structure of Juan de Betanzos' chronicle, *Suma y narración de los Incas* (Cuzco, 1551). It assumes that its *dispositio* and *elocutio* imitate the orality of *quipucamaio* or Inca *quipu* narrators. According to Betanzos' narrative through the 48 chapters of its first part and the 33 chapters of its second, the text explains the ways Betanzos narrates the mythical origins of Tahuantinsuyo, the lives of the first Inca kings, the life and deeds of Inca Pachacutec and the main events of the civil war that divided the Inca empire when the Spaniards arrived and, taken as the Inca's god Viracocha, Caxamalca was captured and Atahualpa was killed, in 1532, putting an end to Tahuantinsuyo.

Key-words: Chronicle, historical gender, Spanish conquest, Inca, Tahuantinsuyo, Viracocha.

* Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (DLCV - FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP)

Pouco se conhece sobre a vida de Juan de Betanzos nos anos anteriores a 1542 quando, em Cuzco, graças a seus conhecimentos de quíchua, teve parte ativa nas *Informaciones* ordenadas pelo governador Vaca de Castro. Presumivelmente originário de Valladolid, segundo informa Jiménez de la Espada¹, Betanzos teria passado para o Peru com Francisco Pizarro, o que é, no entanto, incerto. Fixado em Cuzco, “umbigo” ou capital sagrada do Tahuantinsuyo, participou na sedição de Gonzalo Pizarro, irmão do outro; feito prisioneiro, bandeou-se para a Coroa e, perdoado, o segundo vice-rei, Dom Antonio de Mendoza, incumbiu-o de redigir uma história dos incas, que terminou em Cuzco, em 1551, com o título de *Suma y narración de los Incas*².

A crônica divide-se em duas partes, mais um capítulo, o XXXIV, anexado à segunda em 1558, ano em que Betanzos trabalhou como intérprete numa embaixada espanhola junto a Sayri Tupac, o Inca que combatia os invasores espanhóis nas montanhas de Vilcabamba. Retoricamente, integra-se no gênero da relação prosopográfica, detendo-se na narração mítico-legendária e histórica de ações e eventos de vidas de incas ilustres, *ynga capac cuna*, ou grandes senhores, como inúmeras outras produzidas por autores castelhanos ou já *criollos* dos séculos XVI e XVII, como Fray Martín de Murúa, Guamán Poma de Ayala, Pachacuti, Cieza de León, Sarmiento de Gamboa, o Inca Garcilaso de la Vega, sobre o Peru, e as de Landa, Gómara, Motolinia, Sahagún, Santillana, Bernal Díaz del Castillo, Pomar y Tezozómoc e Ixtlilxóchitl, sobre o México.

Como gênero, a crônica é uma imitação, feita em ordem natural, do sucedido e do particular da vida de Incas e senhores ilustres do Tahuantinsuyo. Integra-se no gênero epidítico ou demonstrativo, aplicando tópicos ou lugares-comuns de pessoas e argumentos ornados, quando compõe os caracteres, as paixões e as ações dos Incas retratados, devendo-se lembrar que nada do que afirma é positivo, pois sua escrita é mediação entre a perspectiva do autor, a matéria narrada, o destinatário e seus eventuais leitores.

Assim, nos 48 capítulos da primeira parte, Betanzos compõe a genealogia e os sucessos mítico-históricos dos Incas, de Manco Capac até Huaina Capac; nos 33 da segunda, faz um relato meticuloso da guerra entre os meio-irmãos, Huáscar e Atahualpa, que dividia o Tahuantinsuyo ou Quatro Partes, quando chegaram os espanhóis que tomaram Caxamalca e assassinaram o Inca Atahualpa, em 1532.

No “Prefácio”, dirigido ao vice-rei Dom Antonio de Mendoza, Betanzos aplica um velho *topos* introdutório de *captatio benevolentiae*, declarando que, depois de haver dedicado seis anos de trabalho à tradução e compilação de um livro de doutrina cristã e de dois vocabulários, um de palavras e outro de orações e notícias inteiras de colóquios e confissões, seu juízo tinha ficado de tal modo exaurido que prometeu a si mesmo nunca mais compor ou traduzir outro livro de matéria semelhante em língua quíchua que tratasse dos feitos e dos costumes dos naturais do Peru, dada a grande e confusa diversidade das informações. Também concluiu, como afirma, que tudo quanto os conquistadores tinham dito sobre os incas até então era equivo-

1. DE LA ESPADA, Jiménez. “Prólogo” a *Suma y narración de los Incas*. Madrid, Biblioteca Hispano Ultramarina, 1880, v. V.

2. Os textos aqui citados de *Suma y narración de los Incas* são extraídos de BETANZOS, Juan de (1551). *Suma y narración de los Incas*. Transcripción, notas y prólogo por María del Carmen Martín Rubio. Estudios preliminares de Horacio Villanueva Urteaga. Demetrio Ramos y Ma. del Carmen Martín Rubio. Madrid: Alas, 1987.

cado e muito distante do que eles realmente usaram. Interessados em submetê-los, os conquistadores não teriam tido preocupação em compreendê-los; além disso, sendo muito recente o contato, não teriam sabido como perguntar, faltando-lhes o entendimento da língua. O equívoco também seria decorrente do temor dos conquistados, que evitavam fornecer informações seguras, falando “por antolhos”. Afirmando que a informação “verdadeira” é a da sua crônica, Betanzos diz saber que seu estilo deveria ser gracioso e de eloquência suave, considerada a pessoa ilustre de seu destinatário; no entanto, a matéria de que se ocupou não pôde lhe dar lugar, pois, para ser “verdadeiro e fiel tradutor”, teve de manter o modo e a ordem do falar dos naturais. Não escreveu a crônica tomando informações de um só, mas de vários testemunhos e somente daqueles de mais crédito que pôde achar.

Betanzos escreveu *Suma y narración de los Incas* menos de vinte anos depois da conquista de Caxamalea por Francisco Pizarro e o fez em circunstâncias favoráveis, como explícita no “Prefácio”, à compilação e tradução de relatos junto aos *quipucamayos* de Cuzco. Os *quipucamayos* eram narradores oficiais – literalmente, “encarregados dos nós” – incumbidos, desde o tempo de Inca Yupanqui Pachacutec, de guardar e memorizar os *quipus*, longos feixes de fios de lã colorida trançados, com nós de variados tamanhos dispostos em distâncias regradas e significativas. Os *quipus* armazenavam, segundo uma técnica mnemônica que poderia ser comparada com a dos lugares-comuns das artes de memória gregas e latinas, informações numéricas sobre tributos, colheitas, estoques de gêneros, homens enviados a guerras, mortes e nascimentos mensais, embaixadas, datas de festas, falas do Inca etc. Como a informação dos *quipus* era basicamente quantitativa, não-discursiva, os *quipucamayos* decoravam relatos, associando cada um deles a um tipo específico de nó ou de cor. A técnica de contar e as memórias contadas eram transmitidas de pai para filho. Na memorização das “coisas feitas” do Tahuantinsuyo, os *quipucamayos* contavam com o auxílio dos *amantus*, que Garcilaso de la Vega chama de “filósofos e sábios”³. Os *amantus* punham as memórias na forma da prosa de histórias breves, como fábulas, sendo acompanhados dos *harauicus*, “poetas”, que compunham versos ensinados aos jovens da nobreza inca e cantados nas festas maiores.

No capítulo IX da segunda parte, depois de relatar o massacre das crianças canhazes ordenado por Atahualpa, Betanzos informa que trabalhou muito tempo com os senhores de Cuzco, anciãos que tinham participado nas campanhas da guerra entre os irmãos. Desmentindo as crueldades imputadas ao Inca Atahualpa, também lhe teriam fornecido as “informações verdadeiras” de que fala no “Prefácio”. Segundo a versão de Betanzos, muitos deles eram *quipucamayos*. Ao dizê-lo, Betanzos evidencia, sem o dizer, que sua crônica baseia-se em versões da história inca feitas pela facção pró-Atahualpa, o que pode esclarecer, talvez, a constituição de Huáscar como um tipo cômico, bêbado, tolo, inepto e cruel, nos primeiros capítulos da segunda parte do texto. Provavelmente, correriam outras versões⁴. Os *quipucamayos* ouvidos por Betanzos relacionavam-se ao *ayllu*, ou clã, da sua mulher.

3. DE LA VEGA, Garcilaso (El Inca), *Comentarios Reales*, introd. de José de la Riva-Agüero, México: Editorial Porrúa, S.A., 1984, Libro VI, VIII, IX, p. 230-233.

4. Cf., por exemplo, DE LA VEGA, Garcilaso, op. cit., Libro IX, XXXII; XXXIII; XXXIV, em que Huáscar é dado como legítimo Inca, ao passo que Atahualpa, caracterizado como um usurpador, age “maquiavêlicamente”, para usar de mais um anacronismo.

Casando-se com Cuxirimay Oello, cujos pais tinham sido Yamque Yupanqui, primo do Inca Huaina Capac, pai de Huáscar e Atahualpa, e Tocto Oello, senhora da nobreza cuzquenha, irmã da esposa principal de Huaina Capac, Betanzos teria tido seu trabalho de coleta e de interpretação de fontes facilitado antes de compor a crônica. Cuxirimay fora princesa da Casa do Inca e sua família tinha sido, desde o tempo de seus bisavós, um dos principais esteios do incanato, tendo estado diretamente ligada aos três últimos Incas, Yupanqui Pachacutec, Tupac Inca e Huaina Capac. Quando Cuxirimay nasceu, Huaina Capac determinou que seria *piviguarmi* ou esposa principal de Atahualpa. Como no Egito faraônico, também no Tahuantinsuyo a esposa principal do Inca era sua irmã ou meio-irmã:

... y Guayna Capac dijo que en aquella fiesta, la queria para si y que habia de ser Piviguarmi de Atagualpa su hijo diciendo que habia de ser su mujer legitima y principal de su hijo Atagualpa y mandó que se señalase esta su sobrina Guxirimay Oello que dice el Oello como nosotros decimos doña habla ventura y el Cuxirimay dice habla ventura y por todo junto dice doña Habla Ventura y por todo junto mandóla que fuese mujer de Atagualpa si viviese porque de parte de los padres eran primos y de parte de las madres eran primos hermanos y las madres eran hermanas (Cap. XLVII, 1a., p.198).

Quando Atahualpa partiu para Quito com o pai, Cuxirimay permaneceu em Cuzco; morto Huaina Capac e deflagrada a guerra, Cuxi Yupanqui, irmão de Cuxirimay Oello, foi obrigado – segundo Betanzos (cap. III e IV, 2ª. parte) – a ser um dos chefes do exército que Huáscar formara com o apoio dos senhores cuzquenhos. Cuxi Yupanqui foi, no entanto, capturado pelas tropas de Atahualpa e, ao invés de castigá-lo, o Inca o alçou à posição de homem de confiança, o que ratificaria o poder do *ayllu* de Cuxirimay Oello. Depois de terminar a construção de um palácio em Quito, descendo para o Sul contra Huáscar, Atahualpa casou-se com ela, com festas que duraram dois meses. A *nusta* ou donzela tinha então dez anos de idade. Logo após a Conquista, batizada com o nome de Angelina Yupanqui, conviveu com Francisco Pizarro, de quem teve dois filhos, Juan e Francisco, como informa Betanzos (cap. XLVII, 1ª. parte). Casando-se com pessoa tão principal e sabendo o *rumisumi*, o quíchua, língua geral de Cuzco imposta pelo Inca Yupanqui Pachacutec a todas as quatro partes do Tahuantinsuyo como idioma oficial, Juan de Betanzos foi rico e influente, obtendo a confiança e o respeito dos senhores da nobreza cuzquenha e o acesso aos *quipucamayoc* sabedores dos cânticos e recitativos que Doña Angelina Yupanqui-Cuxirimay Oello e parentes também saberiam de cor, como era próprio da aristocracia inca.

A crônica não tem sinais de pontuação, a não ser pontos finais, e sua falta aparente de coesão sintática, determinada pela ausência de pausas lógicas ou respiratórias, não significa inépcia, desconhecimento da sintaxe espanhola ou das prescrições retóricas que regiam as práticas letradas de seu tempo. Ao contrário, é indicativa da adequação verossímil do discurso às fontes tradicionais do Tahuantinsuyo, sua matéria histórica compilada e transcrita nas formas que mimetizam a repetição oral característica dos relatos dos *quipucamayoc*. Com verossimilhança, a escrita da crônica encena a *actio*, a ação do que provavelmente

te seria o modo inca, repetido pelos *quipucamayoc* a que Betanzos teve acesso, de narrar o passado. Feito como imitação de uma ação oral que transforma matérias tradicionais, seu discurso avança como que por sobreposição de camadas de informação que, a partir ou em torno de um núcleo semântico comum, um lugar-comum várias vezes repetido, vão adicionando pequenas particularizações descritivas e/ou explicativas que o amplificam. Como no trecho citado: *habia de ser Piviguarmi de Atagualpa su hijo diciendo que habia de ser su mujer legitima y principal de su hijo Atagualpa... y por todo junto dice doña Habla Ventura y por todo junto mandóla que fuese mujer de Atagualpa etc.* Como se o discurso figurasse o movimento de dedos *quipucamayoc* que, percorrendo um *quipu* e sempre pressionando um mesmo nó, a cada vez fossem juntando novos fios ao fio inicial, tecendo-o e entretecendo-o de outros nós análogos e outras cores diversas, segundo um eixo vertical de redundâncias temáticas e um eixo horizontal de pequenas expansões de diferenças descritivo-narrativas dos temas. Metaforicamente, o verossímil construído por Betanzos é o de uma respiração ou voz inca mediadas pelo espanhol de seu narrador. Por isso, embora não haja pontuação marcada, evidenciam-se na leitura grandes unidades de enunciação, articuladas e separadas pelos inúmeros signos aurais para o destinatário – “como haveis ouvido”, “ireis ouvir”; pelas transições bruscas do discurso indireto, no passado, para a presentificação dramática do direto, em que as falas em primeira pessoa reatualizam mitos de fundação de cidades, decisões proverbiais, ações exemplares etc. Ou, ainda, pelas contínuas intrusões do narrador, que interrompe a narração e conduz o leitor para outra parte: ... *basta que llegaron a la ciudad dei Cuzco y dejarlos bemos e hablaremos de Atagualpa que habia quedado en la guaca* (Cap. XVI, 2ª. parte, p. 251). É comum, aliás, o narrador ceder a palavra à dramatização de falas de personagens, principalmente quando se trata de uma palavra ritual. Segundo a verossimilhança aplicada por Betanzos, este seria o modo como os *quipucamayoc* narravam, passando da 3ª. pessoa para a 1ª. para manter ritualmente íntegras as fórmulas de falas proverbiais.

Sintaticamente, a frase de Betanzos é acidentada, como que criçada de circunstancializações que por vezes fazem com que o tema principal se dilua no tratamento de vários subtemas complementares; por anáfora, porém, o tema é geralmente recuperado adiante, o que é evidentemente facilitado pela parataxe: “e...e...então...e...e... então...”. Projetando nos vários segmentos narrativos a unidade da mesma função sintática, a parataxe induz o discurso da crônica a uma espacialização visualizante característica da técnica retórica da *evidentia*. Montando-se como somatória, a escrita mimetiza ritmos de falas ininterruptas e monótonas, cuja única pausa costuma ser a divisão temática dos capítulos, feita como grande unidade de enunciação, ou o término de um processo temporal qualquer, num capítulo determinado, que abre para outro processo e algum ponto final que o leitor espera, depois de justaposições extensíssimas, que às vezes cobrem várias páginas. Sua redundância parece dramatizar uma simultaneidade de pontos de emissão de vozes, como se vários *quipucamayoc* falassem agitando vários *quipus* e a crônica acolhesse a pluralidade de suas vozes na consecução do discurso: cada uma com sua cor, todas relatam o mesmo evento, refratando-o na escrita por pequenos acidentes

explicativos e, geralmente, por sinônimos. Acontece por isso, como se falou, de a narração de um evento determinado ser interrompida e só ser retomada depois de excursos ilustrativos, por exemplo, de uma genealogia ou de ações exemplares. Lembrem – mantidas as proporções da analogia – o modo de ordenar o tempo da enunciação de um narrador homérico, que parece ter todo o tempo do mundo para contar e, por isso, sempre pode amplificar o que conta, incluindo mais uma particularização. Comum é a transcrição de falas em quichua e, imediatamente, sua tradução espanhola, que geralmente é duplicada por sinônimos que evidenciam o intuito de precisão persuasiva e produzem certo efeito coral de redundância. É no capítulo XXVI da primeira parte, aliás, que se pode observar o procedimento de construção do texto como compilação de várias séries de relatos. Aproximados pela mesma referência temática, devem ter sofrido, no ato da invenção, uma ablação de partes excessivamente redundantes, sendo a seguir como que justapostos, formando uma seqüência. No capítulo referido, a narração é bruscamente interrompida por outro discurso, como se fosse interceptada por uma série que, aparentemente, Betanzos não teria tido o cuidado de simplificar.

Ímpar num espanhol da Conquista, essa qualidade rara de ouvir com atenção e simpatia várias vezes enunciadas as falas dos conquistados, compilando-as e traduzindo-as, como que forçando a própria língua a mimetizar os torneios do *rumisum* dos *quipucamayoc*, confere à crônica de Juan de Betanzos o nítido caráter de “tradução”, que evidencia no “Prefácio”. A tradução é, obviamente, uma apropriação que transforma e perspectiva o sentido da matéria inca. Betanzos, bom espanhol, católico e monarquista, continuamente fornece índices que interpretam para o destinatário a significação do que expõe, segundo o crivo interessado da teologia-política da Espanha do século XVI. Sendo ordenada retoricamente, a narração aplica lugares-comuns próprios do gênero prosopográfico, que formalizam a matéria inca ocidentalmente. Por exemplo, quando interpreta ações e eventos como “crueldade”, “pecado”, “idolatria”. Índices “explícitos”, importa dizê-lo, porque evidentemente a própria narração já deforma a matéria inca, quando a seleciona, ordena e interpreta na escrita. Como ocorre em outros textos históricos da Península Ibérica no século XVI e ainda no XVII, a narração da crônica formula a história inca aplicando, entre outros, modelos de eventos e personagens bíblicos. O jovem Pachacutec é como Davi e seu pai, Viracocha Inca, parece Saul. E, obviamente, os modelos de textos gregos e latinos. A ação de Atahualpa e outros Incas que mandam cortar a cabeça de mensageiros portadores de más notícias, por exemplo, é tópica de “tirania”, “arrogância” e “crueldade” que aparece na historiografia antiga, como no Livro VII das *Guerras Persas*, de Heródoto, que a aplica para figurar o absoluto do poder de Xerxes.

Assim, podem ser propostos dois níveis de articulação do discurso da crônica: um deles é propriamente “representativo” e, nele, certo espaço, certo tempo e certas ações de personagens do passado são constituídos pela imitação de falas *quipucamayoc*, que o discurso produz como seu pressuposto, que preenchem os lugares-comuns aplicados. Este nível é o das técnicas retóricas da *evidentia*, da pintura epidítica de retratos de Incas e da narração de vidas exemplares que têm por modelos as vidas narradas pelas autoridades antigas do gênero histórico, como Plutarco, Políbio, Tito Lívio, Suetônio, Tácito etc. O outro nível é propriamente “avaliativo” e caracteriza-

se pelas intervenções explícitas do narrador, que, nos comentários feitos, reorienta para o destinatário o sentido do que representa, segundo os princípios e os termos que garantem a unidade verossímil dos códigos partilhados por ambos no contrato enunciativo do discurso. Aqui, aparecem as categorias teológico-políticas da Conquista. Um exemplo sugestivo da mediação interessada do narrador poderia ser o da entrevista de Atahualpa com Ciquinchara, um senhor nobre que lhe leva notícias sobre os espanhóis, afirmando ao Inca que não são os *viracochas*, deuses, e que devem ser mortos imediatamente, porque são apenas *quitas pumarangra*, "gentes sem senhor derramadas e salteadores". Numa anacronia, pois Betanzos escreve num momento em que a declaração anti-espanhola significaria rebelião contra os invasores, o narrador classifica Ciquinchara como *ladrón del mensajero...que andaba metiendo agua*, projetando a paz imposta do presente em que escreve nas óbvias boas intenções dos espanhóis de Pizarro no passado (Cap. XX, 2.ª parte, p. 266).

Betanzos antecede o texto de *Suma y narración de los Incas* de um quadro genealógico do incanato, que desenvolve como matéria da crônica:

TABLA DE LOS YNGAS Y CAPAC CUNA SEÑORES QUE FUERON DE ESTAS PROVINCIAS DEL PIRU

MANGO CAPAC	Manco Capac
CINCERROCHA	Sinchi Roca
LLOQUE YUPANGUE	Lloque Yupanqui
CAPAC YUPANGUE	Capac Yupanqui
MAYTA CAPAC	Mayta Capac
YNGARROCA YNGA	Inca Roca Inca
YAGUAR GUANAC YNGA YUPANGUE	Yahuar Huacac Inca Yupanqui
VIRA COCHA YNGA	Viracocha Inca
YNGA YUPANGUE PACHACUTI YNGA	Inca Yupanqui Pachacutec Inca
YAMQUE YUPANGUE	Yamque Yupanqui
TOPAYNGA YUPANGUE	Tupac Inca Yupanqui
GUAINA CAPAC	Huaina Capac
GUASCAR	Huascar
ATAGUALPA	Atahualpa

LOS QUE DESPUES DE LA MUERTE DE ATAGUALPA NOMBRO EL MARQUÉS POR YNGAS

TOPA GUALPA	Tupac Hualpa
MANGÓ YNGA	Manco Inca

EL QUE NOMBRARON LOS CAPITANES DE MANGO YNGA POR SU FIN E MUERTE

SAYRETOPA	Sayri Tupac que ahora está en la montaña
-----------	--

A primeira parte da crônica ocupa-se dos 12 primeiros Incas do quadro, tratando-os miticamente até o 7º. (Yahuar Huacac Inca Yupanqui). Os restantes são tratados historicamente, com elementos legendários mesclados. A segunda parte trata, basicamente, de Huáscar e Atahualpa. As duas diferenciam-se nitidamente, como duas obras juntas em um mesmo manuscrito. O tom legendário, encomiástico e temporalmente mais indeterminado da primeira é abandonado na segunda e substituído por notações particularizantes – datas, localizações de eventos, descrição de lugares, elencos de personagens secundários – e mesmo críticas, principalmente quando a crônica relata ocorrências da guerra entre os irmãos. É notável, sempre, o modo imperturbável com que o narrador conta as atrocidades das facções em luta, como as de Atahualpa, naturalizadas como ações absolutamente exemplares que evidenciam a fatalidade dos desígnios onipotentes de um deus. Betanzos nunca fala de incas comuns – o que, sendo tópica retórica, também corresponde à matéria oral dos *quipucamayos*.

Com facilitação, quando hoje se pensa em definições para o absoluto do poder do Inca, costuma-se lembrar o despotismo oriental e ainda, como alguns estudiosos do Tahuantinsuyo vêm fazendo, fala-se de um Estado totalitário⁵, um Estado imperialista⁶, um modo de produção faraônico⁷ etc. As analogias, contudo, são apenas analogias: historicamente, são as diferenças que importam e certamente elas estão perdidas para sempre. Talvez seja válido, sabendo que os anacronismos são inevitáveis, fazer um esboço daquilo que Betanzos narra para com isso tentar demonstrar, principalmente, o modo “como” narra. Em outras palavras, sua intervenção, que perspectiva o relato da matéria inca segundo uma interpretação particular.

A primeira parte

Na primeira parte da crônica, observa-se a nítida perspectivação política dos eventos mitológicos narrados. De modo recorrente, Betanzos vincula o culto inca do Sol a mecanismos políticos de constituição, integração e controle do poder pelos Incas. Difundindo-se e impondo-se militarmente, o culto do Sol teria assegurado a unidade do Tahuantinsuyo e a imposição da paz às populações dominadas que o habitavam, uniformizando as crenças, generalizando a língua de Cuzco, produzindo e sacralizando excedentes e tributos, o que a crônica torna explícito quando trata do 9º. Inca, o herói civilizador Pachacutec, certamente o personagem mais impressionante de todo o relato e pelo qual o narrador demonstra admiração e entusiasmo.

Suma y narración de los Incas começa, como relato histórico que segue a ordem natural, do início das coisas, um mito de origem e fundação semelhante ao do *Gênesis* bíblico, que parece ter servido de modelo para Betanzos. Quando ainda não há luz e a terra é triste e sem homens, Viracochapachayachachi, o *hacedor del mundo*, o Con Tíci Viracocha, emerge das águas do lago Titicaca. Como a Afrodite

5. KARSTEN, Rafael. *A totalitarian State of the Past. The Civilization of the Inca Empire in ancient Peru*. “Commentationes Humanarum Litterarum”. Helsingfors, Societas Scientiarum Fennica, 1949, XVI.

6. PEASE, cit. por RAMOS, Demetrio. La prospección incanista de Juan de Betanzos, a mediados del XVI: el carácter de sus trabajos y su apreciación de la infraestructura política-social. In: BETANZOS, Juan de. *Suma y narración de los Incas*, ed. cit., p. LXXV.

7. Cf. RAMOS, Demetrio, op. cit., p. LXXV.

grega, talvez reminiscência de Betanzos, é “a espuma do mar” ou “a gordura do mar” (Garcilaso de la Vega propõe “o sebo do mar”). Adiante, a crônica demonstra que esta foi, muito oportunamente, a interpretação etimológica do nome Viracocha apropriada pelos espanhóis:

... Viracocha que quiere decir y podremos tener que dice dios porque este nombre ellos al que dicen e tienen que fue el hacedor e como los españoles viniesen gente muy ajena de su ser como la historia adelante os contar llamáranlos a todos y a cada uno por si Viracocha y queriendo construir este nombre los cuales parecia que iban entendiendo el hablar parabanse a pensar y imaginar que Vira quiere decir en esta lengua manteca y cocha dice mar todo lo cual declaraban e decian que queria decir manteca de la mar y espuma de la mar lo cual no quiere decir aquello sino propriamente dios y quando los españoles vinieron a esta tierra los llamaron deste nombre y tuvieron por dioses (Cap. XVI, 1ª parte, p. 78).

Quando sobe radiosamente branco e ouro das profundezas do Titicaca, não é a primeira vez que Viracocha vem; na anterior, junto com o céu, criou seres humanos que, tendo-se revelado maus e ingratos, converteu em pedra. Vindo outra vez, no centro de Tiahuanaco, faz o sol, a lua, estrelas e estátuas de pedras e senhores para governá-las em todo o Tahuantinsuyo. Dois *viracochas* se acham com ele em Tiahuanaco e o deus envia um para o Andesuyo, o Leste, outro para o Condesuyo, o Oeste, para que vão levantando as gentes adormecidas nas rochas: “Saí e povoai esta terra, que está deserta, porque assim o ordena o Contiti Viracocha que fez o mundo”. Em seguida, parte para Cuzco pela rota que os incas chamavam de Caminho Real, sempre criando gente com o dom da luz que emana de seu ser. Chegando a Cacha, perto de Cuzco, sacm os naturais da região armados para matá-lo e o deus faz cair o fogo do céu e queima um monte; apavorados, os atacantes põem-se de joelhos e prestam-lhe adoração. Com uma vara, misericordioso que é, Viracocha apaga o incêndio. O mesmo esquema mítico pauta a ação de Atahualpa, narrada na segunda parte (Capítulo XVI). Irritado com as palavras de admoestação do velho sacerdote guardião do deus de pedra de uma *huaca*, um lugar alto de culto, corta-lhe a cabeça com a acha de guerra, faz o deus em pedaços e, mandando arrasar a *huaca* até os fundamentos, ordena que se queimem e trituram os ossos do sacerdote e as pedras, fazendo, em seguida, espalhar as cinzas sobre os abismos. Feito isso, ordena que se ateie fogo ao serro e que seja aplainado até a base, o que demora três meses para ser feito e pode ser sugestivo do modo inca de ordenar o tempo, devendo-se lembrar também que Betanzos constrói um verossímil epidítico, em que, por definição, ações hiperbólicas estão previstas.

O mito do retorno de Viracocha também pauta a ação dos incas, quando os espanhóis chegam a Tumbes. Como o deus veio e partiu das águas uma vez e mais outra, crêem que é Viracocha que vem de novo. Assim, Betanzos informa que também Huáscar mandaria um emissário a Pizarro, antes de este ir para Caxamalca, onde prenderia e faria assassinar Atahualpa, tanto se acreditou então serem os espanhóis os *viracochas* que voltavam por mar. Em *Nueva crónica y buen*

8. DE LA VEGA, Garcilaso (El Inca). Del nombre Viracocha, y por qué se lo dieron a los españoles. In: *Comentarios Reales*, México, Ed. Porrúa, S.A., 1984, Libro V, XXI.

gobierno, Felipe Guamán Poma de Ayala conta que o emissário foi seu pai, Huamán Mallqui, que levou a Pizarro o pedido de proteção de Huáscar⁹. Quando este foi preso e levado por Chalcochima e Quizquiz, os capitães de Atahualpa, também os senhores de Cuzco fizeram grandes sacrifícios de animais, milho, coca e chicha a Viracocha, implorando-lhe pela libertação de seu líder; quando lhes chegou a notícia de que Atahualpa era prisioneiro de Pizarro, decifraram o evento como um desígnio do Sol, desde sempre relatado e previsto pelos seus *quipucamayoi*. Os espanhóis eram *viracochas* enviados para salvá-los da vingança do Inca e mantiveram-se inertes, enquanto os deuses avançaram pilhando o ouro e a prata de seus templos, violando suas mulheres e pregando o verdadeiro Viracocha à luz de arcabuzes e espadas.

Da leitura da crônica, pode-se inferir a noção de uma sociedade tão outra, na sua diferença, que aparentemente não tem códigos para interpretar a irrupção da novidade que vai destruí-la como ação invasora, não fazendo outra coisa senão repetir o modelo da intervenção de deuses, que é imediatamente apropriado pelos espanhóis na estratégia conquistadora. Segundo Betanzos, Con Titi Viracocha veio na forma de um homem alto, vestido de branco até os tornozelos; tinha cabelos curtos adornados por uma coroa e segurava uma espécie de breviário. O retrato do deus é obviamente sincrético e evidencia a instrumentalização católica do mito de Tiahuanaco na catequese do Peru. O livro inexistia na sociedade inca; menos ainda na forma catolicamente piedosa de breviário.

Segundo a crônica, continuando a jornada, Con Titi Viracocha cria o senhor Alcabicca, em Cuzco, e daí se vai embora para Puerto Viejo. Reunindo-se aos outros *viracochas* que enviara pelos quatro cantos do mundo a despertar as gentes do sono dos minérios, parte com eles por mar e desaparece no horizonte. O mito tem analogias com o de Sumé, dos textos dos jesuítas no Brasil do século XVI, podendo-se supor que se vincularia, no momento da escrita da crônica, ao programa católico da pregação universal difundido então pelas ordens religiosas como cruzada contra infiéis e conquista espiritual dos *occidentales et meridionales Indos*, os gentios: os *viracochas* mandados aos quatro cantos lembram os apóstolos do *Evangélio* e os próprios missionários cristãos. Na crônica, Viracocha mesmo é uma espécie de padre ou Cristo. Mais pertinente historicamente seria levantar os mitemas associados, no mito de Viracocha, a um processo precolombiano de difusão religiosa. Como escreve Maria del Carmen Rubios, que descobriu e editou o manuscrito integral de *Suma y narración de los Incas*, é interessante observar a correspondência do mito criador-civilizador de Con Titi Viracocha com o de Quetzalcoatl, entre os toltecas e os astecas do México, com o de Cuculkan, entre os maias do Iucatán, e, ainda, com o de Bochica, dos chibchas da Colômbia¹⁰.

É em Cuzco, assim, o “umbigo” do Tahuantinsuyo – as Quatro Partes eram Chinchaysuyo, o Norte; Collasuyo, o Sul; Andesuyo, o Leste; Condesuyo, o Oeste – que surgem os incas. Historicamente, seu domínio é relativamente recente e de

9. AYALA, Felipe Guamán Poma de, *Nueva crónica y buen gobierno*. Caracas. Biblioteca Ayacucho, 1980. Cf. também DE LA VEGA, Garcilaso, *Comentarios Reales*. Libro I, XVI, 2a. parte.

10. Cf. RUBIO, María del Carmen Martín, *La Genealogía Incaica de Juan de Betanzos comparada con la de otros Cronistas*. In BETANZOS, Juan de, *Suma y narración de los Incas*, ed. cit.

curta duração, quando comparado ao de outras civilizações precolombianas, como a de Tiahuanaco e a moche, na América do Sul, ou as de Teotihuacán, Monte Albán, Tula e Chichen Itza, na América do Norte e Central. É dos últimos a se constituir e é contemporâneo da teocracia asteca de Tenochtitlán, podendo-se datar o início da sua expansão por volta de 1440 da era cristã. Então, os incas eram uma tribo de Cuzco, nas montanhas do Sul do atual Peru, sendo o seu 9^o. Inca – Yupanqui Pachacutec Intichuri Inca – que iniciou a conquista militar dos territórios vizinhos. Submetendo Chanca, reino vizinho de Cuzco, avançou em seguida para o vale do rio Urubamba, ao Norte, nas proximidades de Machu Pichu, e depois para o Sul, em direção do lago Titicaca. Por volta de 1450, os incas dominaram Caxamalca, “a cidade da ravina”, a Cajamarca dos textos espanhóis, muito ao norte de Cuzco. O filho de Pachacutec, Tupac Inca, avançou para o Oeste, na direção do grande reino de Chimor, ou Chimú, na costa do Pacífico. Chimú tinha sido formado cerca de cem anos antes, no início do século XIV da era cristã. Seu chefe, Minchancaman, tinha-se aliado aos de Caxamalca contra os incas de Cuzco, que, no entanto, sitiaram e tomaram sua capital, Chanchan, famosa pelos lagos artificiais, terraços, zoológico e jardins, anexando o reino de Chimor ao território do Tahuantinsuyo. Avançando para o Norte, os incas dominaram regiões onde hoje é o Equador, tomando a cidade de Quito, e retornaram. Por volta de 1470, ocuparam o Sul da costa do Pacífico. Até 1490, Tupac Inca ocupou o sul do lago Titicaca, anexando territórios que hoje fazem parte da Bolívia, do Chile e da Argentina; pelo Nordeste, tinha alcançado as primeiras planícies da selva amazônica. Huaina Capac, o filho de Tupac Inca, manteve o domínio das áreas conquistadas, tendo anexado mais algumas que hoje fazem parte do Equador; estava em Quito, quando morreu vitimado por uma peste, em 1527, provavelmente trazida por um navio espanhol. A sucessão não tinha sido determinada e seus filhos, Huáscar e Atahualpa, passaram a disputar o poder; a guerra durou até 1532, quando do mar chegaram os *viracochas*. Considerado vitorioso, Atahualpa estava a caminho de Cuzco quando, tendo parado nas termas de Caxamalca, foi aprisionado e morto pelos espanhóis, depois de ter pago um resgate em ouro e ter recebido uma alma católica com o batismo. Totalmente centralizado e verticalizado no Inca, o Tahuantinsuyo desabou como um corpo acéfalo. Betanzos fala de “formigas”:

... y como Atahualpa se muriere luego se fueron todos los indios que allí estaban juntos en Caxamalca a sus tierras e iban los caminos llenos dellos bien así como caminos de hormigas (Cap. XXVI, 2^a parte, p. 286).

Volte-se agora aos capítulos iniciais de *Suma y narración de los Incas*. No mito que aí se relata, é de Pacarictambo, uma gruta a sete léguas de Cuzco, que saem quatro casais primordiais. O primeiro é formado por Ayarcacha e sua mulher, Mama Guaco; o segundo, por Ayaroche e Cura; o terceiro, por Ayarauca e Ragua Ocllo; o quarto, por Ayarmango e Mama Ocllo. Todos vestem finas lãs, ouro e prata: semi-deuses, são senhores. Neles, alguns autores contemporâneos têm visto a representação de espécies vegetais, entre elas a batata e o milho, típicas da região andina. Vão inicialmente para Guanacaure, um serro próximo de Cuzco,

onde semeiam alimentos, partindo em seguida; um dia, voltam para lá em busca de um lugar para povoar. Com uma funda, Ayarcache atira uma pedra com tão forte impacto que derruba alguns montes muito altos a uma légua e meia de distância; os companheiros ficam com medo dele, pensando que um dia poderá dominá-los. Com engodos, fazem com que volte para a cova de Pacarictambo, encerrando-o nela, que tapam com rochas grandes. Retornam então para Guanacaure e dão a mulher de Ayarcache como serva a Ayarmango. Decidem povoar o lugar inicialmente habitado por Alcabicca, que fora criado por Con Titi Viracocha. Ayaroche voa até o céu para falar com o Sol e pedir-lhe a proteção; voltando, comunica a Ayarmango que o Sol ordena passe a chamar-se Manco Capac e vá para a povoação de Alcabicca, junto com Ayarauca, e lhe dá a mulher, Cura, para servi-lo. Atingido por uma pedra atirada por uns homens e tendo uma asa quebrada, nunca mais poderá voar. Transforma-se em estátua, que se adorava ainda nos tempos de Atahualpa.

Manco Capac, Ayarauca e as quatro mulheres foram para Cuzco. Um pouco antes da cidade, num povoado de plantadores de coca que os hostilizaram, a mulher de Ayarcache, que ainda agora permanece encerrado em Pacarictambo, matou um homem e arrancou-lhe os pulmões e o coração, inflando-os com o seu sopro, o que apavorou o povo, que se submeteu e fugiu. Quando chegaram a Cuzco, Manco Capac e Ayarauca disseram ao senhor Alcabicca que eram filhos do Sol, construíram um templo e passaram a plantar o milho e a batata que traziam de Pacarictambo (Cap. III, IV e V, 1ª parte, p.17-22).

No Capítulo V, Betanzos conta que o segundo Inca, Sinchi Roca, filho de Manco Capac e Mama Oello, casa-se com uma *oello* de nome Mamacoca; o filho deles, Lloque Yupanqui, é comparado na crônica ao mago Merlin, da lenda arturiana: nascendo com todos os dentes e já andando, desde pequeno Lloque Yupanqui fez coisas de sarapantar, como arremessar uma pedra que quebrou uma perna a um descendente do senhor Alcabicca, que ocupava Cuzco antes de Manco Capac chegar, numa clara prefiguração do poder inca sobre os vizinhos. O quarto, o quinto e o sexto Incas têm pouco relevo, na crônica; deles, Inca Roca teria canalizado as águas de um rio para o uso da cidade. O sétimo, Yahuar Inca Yupanqui, nasce chorando sangue. Como Betanzos, Garcilaso de la Vega o chama de "Yahuar Huacac" ou "Chora-Sangue"¹¹. No seu reinado, Cuzco foi atacada pelos chancas e defendida por seu filho, Viracocha Inca, o pai de Inca Yupanqui Pachacutec. Na crônica, como foi dito, Manco Capac e os sete incas posteriores formam um império legendário, objeto de cânticos e recitações heróicas, típico de uma história de gênero epidítico. É a partir do 9º Inca, Pachacutec, que o relato passa ao império histórico, embora a caracterização de Pachacutec por Betanzos faça dele um misto de Hamurabi, Moisés, Sólón ou Numa Pompílio dos Andes: rei-sacerdote-guerreiro, Pachacutec acumula as três funções indo-européias estudadas por Dumézil, a fecundidade, a força e a soberania, provavelmente devido aos procedimentos retóricos de origem grega e latina aplicados por Betanzos para compor seu caráter e suas ações. Também é

¹¹ DE LA VEGA, Garcilaso. *El Inca llora sangre, séptimo rey, y sus miedos y conquistas, y el desolvor del príncipe*. In: *Comentarios Reales*, Libro IV, XX.

o *Guacchaycaya*, “o amoroso dos pobres”, o personagem mais notável de *Suma y narración de los Incas*. Na América precolombiana, as únicas figuras comparáveis a Pachacutec são Netzalhualcōyotl e Netzalhualpilli, os reis sábios e poetas de Texcoco, no México, também do século XV da era cristã.

Viracocha Inca, que significa “Deus” e “Senhor”, obteve tal nome depois de falar com seu deus, Viracochapachayaachachic. Quando soube que ele se intitulara “Deus” e “Senhor”, narra Betanzos, um senhor dos chancas, Uscovilca, indignou-se e reuniu guerreiros sob a chefia dos capitães Malpa, Rapa, Yanavilca, Teodovilca, Huamanguarara e Pomayhuarca, enviando-os ao Andesuyo e ao Condesuyo, enquanto ele mesmo marchava pelo Centro. Nas proximidades de Cuzco, Uscovilca manda dizer a Viracocha Inca que deve prestar-lhe obediência ou invadirá a cidade; o Inca decide fugir. Dos sete filhos que tinha, apenas o menor, Inca Yupanqui, resolveu ficar e defendê-la. Conta com o auxílio de três amigos fiéis, Viraquirao, Apomayta e Qiles Cacheuroguaranga. Segundo Betanzos, todos os senhores de Cuzco passam a ridicularizá-lo, a começar por Viracocha Inca, seu pai, e Inca Urco, seu irmão e herdeiro do incanato. Uscovilca concede três meses de prazo a Yupanqui para render-se. Este envia mensageiros ao pai, pedindo-lhe que volte; Viracocha Inca torna a rir, segundo a crônica, dizendo ter sido advertido por seu deus de que não seria capaz de defender a cidade. Afirmando que é menos desonroso sair sem lutar que ficar e perder, ordena ao filho que também se retire. Ele fica, porém, e envia emissários aos *curacas*, caciques, da vizinhança. Mas também eles escolheram fugir ou render-se.

Como um Davi inca às voltas com o Saul Viracocha Inca e com o Golias Uscovilca, principal dos filisteus chancas, Inca Yupanqui é constituído miticamente pela crônica com os traços tipificadores do herói cultural, fundindo-se nele o que Dumézil chama de “função teológica” e “função épica”¹². Para qualificá-lo como herói- o que faz recorrentemente nos 22 capítulos dedicados a ele na primeira parte da crônica- Betanzos pinta-o moralmente como mancebo casto e prudente que, pela pureza do coração e do corpo, põe-se em contato com seu deus, enchendo-se da força guerreira:

Ynga Yupangue era mancebo muy virtuoso y afable en su conversación era hombre que hablaba poco para ser tan mancebo e no se reía en demasiada manera sino con mucho tiento e muy amigo de haer bien a los que poco podían y que era mancebo casto que nunca lo oyeron que hubiese conocido mujer y que nunca lo conocieron los de su tiempo decir mentira e que pusiese cosa que dejase de cumplir e como él tuviese estas partes de virtud y valeroso señor aunque mancebo y fuese de gran ánimo considerando su padre este ser de Ynga Yupangue su hijo reinó envidia en él y aborreciale porque quisiera que un hijo mayor suyo que se decía Ynga Urco tuviera este ser de Ynga Yupangue (Cap. VIII, 1ª parte, p. 31).

Não falta à caracterização do Galaaz inca a oração solitária do herói, típica das novelas de cavalaria: à noite, Inca Yupanqui sai para a solidão da montanha, onde dirige a seguinte prece a Viracocha Pachayaachachic, que no relato de Betanzos intervirá como o Jeová dos exércitos:

12. DUMÉZIL, Georges, “Morace, une lecture de *Tite-Live*” suivi de “Les Transformations du Troisième du Triple”, In: *Les cahiers pour l'analyse*, Paris, Cercle d'Épistémologie de l'École Normale Supérieure, Paris, Seuil, mars-avril 1967, no. 7, Cf. também, do mesmo autor, *Heur et malheur du guerrier*, Paris, PUF, 1969.

Señor Dios que me hiciste e diste ser de hombre socórreme en esta necesidad en que estoy pues tú eres mi padre y tú me formaste y diste ser y forma de hombre no permitas que yo sea muerto por mis enemigos dame favor contra ellos no permitas que yo sea sujeto de ellos y pues tú me hiciste libre y sólo a ti sujeto no permitas que yo sea sujeto de estas gentes que así me quieren sujetar y matarme en servidumbre dame Señor poder para poderlos resistir y haz de mí a tu voluntad pues soy tuyo. (Cap. VIII, 1ª parte, p. 32).

O modelo da oração é, obviamente, a Bíblia. O trecho é elucidativo do sincretismo religioso no Peru em meados do século XVI. Betanzos pode ter ouvido dos *quipucamayoc* a narrativa sobre a oração de Inca Yupanqui, dando-lhe a forma cristã, se é que eles não a contaram numa forma já cristianizada. Ou, ainda, pode meramente tê-la aplicado, pois é uma fórmula retórica recorrente em textos espanhóis do seu tempo. De qualquer maneira, como em todo bom mito, o deus intercede favoravelmente à contrição do justo na forma profética do sonho:

... cuando estas razones decíalas llorando de todo corazón e que estaba en su oración se cayó dormido siendo vencido del sueño y que estando en su sueño vino a él el Viracocha en figura de hombre e le dijo: Hijo no tengas pena que yo te enviaré el día que a batalla estuvieses con tus enemigos gente con que los desvarates y quedes victorioso (Cap. VIII, 1ª parte, p.32).

Voltando toda noite ao lugar solitário para orar, Yupanqui mantém o contato e o contrato com Viracocha até a véspera da batalha, quando o deus reitera-lhe a promessa de auxílio. Na manhã seguinte, quando Uscovilca vem com todos os seus, subitamente irrompem

... veinte escuadrones de gente no vista ni conocida de Ynga Yupanque ni por los suyos...diciéndole *acoopa Ynga ancaí quita aticu llacacaimochianqui cuna punchampi* que dice vamos sólo rey y venceremos a tus enemigos que hoy en esto día ternas contigo prisioneros (Cap. VIII, 1ª parte, pp. 32-33).

O chanca Uscovilca é morto e seu exército é desbaratado; Inca Yupanqui toma-lhe todas as insígnias e vestes e plumas e ouro e prata, sobe numa liteira e se faz carregar ao encontro do pai, Viracocha Inca, pedindo-lhe que, segundo o costume, pise nas roupas e nos prisioneiros chancas estirados pelo chão, dando um passo por cima deles para aceitar a vitória e o triunfo (Cap. IX, 1ª parte, p. 35). Aqui, a crônica volta a acumular provas nobilitantes de Yupanqui: seu pai torna-se mais irado e ordena rispidamente que os despojos sejam levados a um aposento do palácio para que os pise seu filho mais velho, Inca Urco. Responde-lhe Yupanqui que os traz para que os pise seu pai, seu senhor e seu rei, declarando que *no había ganado victoria para que se lo pisasen semejantes mujeres como eran Ynga Urco y los demás sus hermanos* (Cap. IX, 1ª parte, p. 35). Viracocha Inca manda chamar secretamente a um senhor nobre e ordena-lhe que assassine Yupanqui no palácio, se entrar, ou na quebrada do serro por onde passará, quando voltar para Cuzco.

A crônica continua a acumular as qualificações nobilitantes de Yupanqui. Escapando à traição do pai e, não obstante, mantendo-se absolutamente fiel como filho e súdito, amplia sua ação civilizadora nos Andes: reconstrói totalmente a cidade a partir de maquetas de barro que ele mesmo confecciona; divide o ano em

doze meses e 360 dias; inventa relógios solares; desenha e constrói pontes; fixa a data da festa das águas e de outras; determina o tempo da semeadura e colheitas; manda fazer o censo dos solteiros do Tahuantinsuyo e os casa coletivamente; ordena a produção de excedentes alimentares e os estoca em grandes armazéns que manda construir em Cuzco; impõe o *rumisumi* como língua oficial; nomeia ouvidores nas províncias; estabelece a política de deslocar grupos inteiros – os *mitimaes* – de uma região para outra, como forma de controle das diversas populações; faz vir os filhos dos *curacas* para a capital, onde são mantidos como reféns enquanto recebem a educação inca; codifica leis severas, que punem a ociosidade, o adultério, o perjúrio e o roubo; fixa os trajes e os adornos adequados às posições hierárquicas; funda o culto do Sol e, feito Inca com o nome de Pachacutec, inicia a expansão militar.

Demetrio Ramos propõe que o Sol parece atuar como “consequência” tardia na história inca, como se tivesse passado a cumprir uma função de integração religiosa e política, no tempo de Viracocha Inca e Inca Yupanqui. Deduz-se do relato de Betanzos que, num passado remoto, Viracocha, o deus criador, veio e desapareceu duas vezes, marchando para o mar. Como um deus fazedor, Viracocha teria sido substituído ao longo do tempo por outros deuses, com formas distintas de culto, de cada província do Tahuantinsuyo. Sua reposição como divindade suprema seria como que um “achado” numa época de crise, quando foi preciso recorrer a uma autoridade superior¹³. Assim, os incas de Cuzco teriam unificado as crenças dos povos subjugados em um único deus. Viracocha seria uma noção intelectual, como o Sol. Segundo Demetrio Ramos, o deus, que Betanzos também chama de Con Tici Viracocha no início da crônica, é um artifício. No relato, Viracocha procede de Tiahuanaco, no Sul, e, no entanto, Con é outro deus distinto, também criador, mas do Norte.¹⁴ No capítulo VI da primeira parte da crônica, Betanzos fala de um tempo em que

... había más de doscientos señores caciques de pueblos e provincias cinquenta y sesenta leguas en la redondez... del Cuzco los cuales se intitulaban y nombraban en sus tierras y pueblos *Capac Ynga* que quiere decir *Señores e reyes*... Y como un señor destos de nación Chanca que se decia Uscovilca el cual era señor de mucha suma de gente... y tuviese gran voluntad de por su persona ir e sujetar al Cuzco y al Viracocha Ynga... se partió con su gente (Cap. VI, 1ª parte, p.23).

Segundo Ramos, depreende-se do relato a existência de uma situação grave de dupla ruptura: a dos senhores vizinhos de Cuzco com o Inca, que tenta assegurar sua superioridade fazendo-se deus com o nome Viracocha, e a ruptura interna, generacional, levada adiante por Inca Yupanqui e os jovens filhos dos senhores, que decidem ficar com ele e defender a cidade¹⁵. A fuga de Viracocha Inca – que

13. RAMOS, Demetrio. La prospección incaicista de Juan de Betanzos... In: BETANZOS, Juan de. *Suma y narración de los Incas*, ed. cit., pp. LIX-LX.

14. Cf. RAMOS, Demetrio, op. cit. Conforme Ramos, o texto de Maria Rostworowski, *El sitio arqueológico de Concón (el valle del Chillón): diáspora etnohistórica*, publicado na *Revista del Museo Nacional*, Lima, 1972, no. XXXVIII, já demonstrou que Betanzos narra uma reelaboração produzida quando os incas de Cuzco “uniam diversas crenças de povos subjugados”, somando nessas unificações “deuses antigos com outros posteriores”. Segundo Rostworowski, Tici Viracocha era “deus da região do Sul e de tempos posteriores”.

15. RAMOS, Demetrio, op. cit., p. LX.

se estende a toda a classe religiosa – é índice de uma crise do poder sacerdotal ligado a um culto que é substituído por outro, enfim, o de uma elite militar¹⁶. No capítulo XI da primeira parte, Betanzos explica que o culto do Sol é consequência do poder militar: a vitória de Inca Yupanqui sobre os chancas e sobre o pai legitima o novo culto, que absorve todos os anteriores, também legitimando os novos poderes.

Segundo a crônica, o culto do Sol é acompanhado da centralização do poder no Inca. A Casa do Sol, instituída por ele, passa a ter 500 *mamacunas*, ou virgens do Sol, e 200 *yanacunas*, criados ou servos do Inca. Segundo a versão de Betanzos, a fundação da Casa do Sol foi decorrência de mais uma visão de Inca Yupanqui, na qual Viracocha lhe apareceu como um menino radioso. O contato com o deus fundamenta, evidentemente, a sacralidade do poder e suas instituições; a fundação da Casa do Sol implica a separação de terras para o culto, em que os *yanacunas* passam a plantar, e a sacralização dos tributos. Fez-se um sacrifício de milho, roupas, animais e – Betanzos o conta com naturalidade – de crianças, que foram enterradas vivas. Elas eram costumeiramente escolhidas entre os filhos dos grandes senhores:

...ofreciéndole todo al sol e los niños e las niñas que ansi habían juntado estando bien vestidos e aderezados mandólos enterrar vivos en aquella casa que en especial era hecha para do estoviese el bulto del sol e con la sangre de los corderos y ovejas (*sic*) que habían sacado mandó que fuesen hechas ciertas rayas en las paredes desta casa todo lo cual hacia él e los sus tres amigos e otros más todo lo cual significaba una manera de bendecir y consagrar esta casa (Cap. XI, 1ª parte, p. 51).

A crônica informa que apenas o Inca podia entrar na Casa do Sol; os senhores nobres chegavam até o pátio e o povo comum ficava numa praça que lhe fazia frente e em cujo centro Inca Yupanqui ordenou fixar uma pedra lavrada *de la altura de un pan de azúcar*. Era coberta de placas de ouro e recebia a adoração devida a Inti. Como estabelecimento do ritual, também os senhores de Cuzco passaram a afirmar sua supremacia sobre o restante do Tahuantinsuyo, declarando-se mais que homens e sabedores das coisas divinas: filhos do Sol. Inúmeros santuários foram fundados ou apropriados pelo novo culto, como o de Pachacamac, antigo centro cerimonial da região costeira, o lugar religioso mais importante de todo o Tahuantinsuyo depois de Coricancha, em Cuzco, para onde acorriam multidões de peregrinos de todas as Quatro Partes. Segundo Betanzos, Pachacamac era para os incas como Roma para os católicos e teria tido a importância que teve Delfos na Grécia antiga.

Reforçando a centralização, Inca Yupanqui também passou a chamar Cuzco de “corpo de leão”, proclamando que os moradores da cidade e seus vizinhos eram os membros subordinados a ele, sua cabeça. Aqui, mais uma vez, parece haver da parte de Betanzos uma interpretação do poder do Inca por meio de princípios teológico-políticos escolásticos que definem o Estado como *corpus mysticum* de ordens sociais naturalmente subordinadas à cabeça mandante, segundo o pacto de sujeição típico das monarquias ibéricas dos séculos XVI e XVII.

16. *Idem*, *ibidem* pp. LXI-LXIII.

Após referir outras leis ditadas por Inca Yupanqui, Betanzos chega ao Capítulo XVII. Nele, os senhores de Cuzco decidem agradar o Inca e concertam que o serviço a ser prestado é pôr-lhe a *mascapaicha*, a borla do poder e a insígnia de Inca, atributos que ainda estavam sendo usados por Viracocha Inca. Vão a palácio e encontram Inca Yupanqui *pintando y dibujando ciertas puentes y la manera que habian de tener* (Betanzos não informa com o quê nem sobre o quê pintava, mas a referência aos desenhos revela-se funcional, adiante, quando o personagem começa a expansão militar e o narrador informa que ele ordena a construção de pontes sobre rios e abismos para a comunicação e a passagem de tropas). Como se relatos de vários tempos fossem superpostos ou justapostos na seqüência da crônica, dá-se no trecho certo anacronismo, pois o narrador conta como tendo ocorrido depois o que as ações já referidas de Inca Yupanqui fazem entender como tendo acontecido antes. Por exemplo, depois que os senhores dizem que *alli habian venido a rogarle tomar la borla del estado porque les parecía que ya era tiempo* (Cap. XVII, 1ª parte, p. 82) – novamente, Betanzos afirma narrar o que os *quipucamayoc* contavam – Inca Yupanqui ri; diz que tal dia está distante; comenta que as mentes dos senhores cuzquenhos são lentas e que a dele passa-lhes adiante; afirma não pôr a borla na cabeça – o Inca a usava na testa, entre os olhos – enquanto o pai for vivo; diz acreditar que o pai a dará ao irmão, Inca Urco; ao mesmo tempo, afirma que pensa em ir arrancá-la ao irmão, juntamente com sua cabeça, pois seu pai ordenou que Urco pisasse as insígnias do chanca Uscovilca que ele, Yupanqui, venceu; declara que só tomará a borla se Viracocha Inca vier a Cuzco pô-la em sua cabeça; agradece aos senhores e promete vingá-los; faz um juramento enchendo de chicha um *kezo*, vaso, que derrama pelo chão, afirmando que assim quer seja derramado seu sangue se não vingar a afronta e a vergonha dos senhores de Cuzco desamparados por Viracocha Inca quando este fugiu dos chancas. Na passagem, fica explícito que o discurso tenta conciliar dois motivos opostos, hostilidade e submissão, constituindo a legitimidade de Inca Yupanqui. Os senhores de Cuzco – os jovens, supõe-se, que permaneceram com Yupanqui – enviam mensageiros a Viracocha Inca, pedindo-lhe que venha, porque a cidade está sendo reconstruída. A crônica não data as ações, no caso, não deixando claro qual é o tempo decorrido desde a fuga de Viracocha Inca ou da morte de Uscovilca. Novo lapso temporal e, vendo a cidade, os armazéns de excedentes alimentares, a Casa do Sol e os benefícios do filho, Viracocha Inca declara *verdaderamente tú eres hijo del sol e yo te nombro rey e señor* e, como continua o narrador, *tomando la borla con sus manos quitándola de su misma cabeza se la puso a Ynga Yupangue encima de su cabeza* (Cap. XVII, 1ª parte, p. 83).

Quando a borla era transferida, seu novo detentor recebia um nome novo. O nome “novo” de Inca Yupanqui ratifica, contudo, o que suas ações anteriormente narradas já haviam legitimado, por exemplo, com o estabelecimento do culto de Viracochapachayachachic e a instituição da Casa do Sol. A nomeação de Yupanqui por Viracocha Inca parece ser, assim, produto de um arranjo posterior, que constituiu uma tradição pacífica para o Tahuantinsuyo:

Yo te nombro para que de hoy y más te nombren los tuyos en las demás naciones que fuesen sujetas Pachacuti Ynga Yupangue Capac y Indichuri (Cap. XVII, 1ª parte, p. 83).

Pachacutec ("Terremoto") Intichuri ("Filho do Sol") vingava-se do pai, conforme a crônica, humilhando-o na frente de todos os senhores de Cuzco, quando o faz beber chicha em uma vasilha que, além de ser própria para mulheres, está suja, ao que Viracocha Inca retruca *Hochaimi...* que significa, como Betanzos traduz, *mi culpa es, e*, em outra tradução explicitamente católica, *yo conosco mi pecado*. Pachacutec Intichuri o perdoa e passa a tratá-lo com todas as honras. Depois que o novo Inca toma esposa- supõe-se que até esse momento da crônica permanece casto- Viracocha Inca parte para Qea Xoquixahuana, acima de Calca, onde Pachacutec lhe edifica uma povoação. Antes de ir, num discurso que na crônica é nitidamente conciliatório, *...rogó Ynga Yupangue que siempre que hubiese fiestas en el Cuzco se viniese a ballar en ellas* (Idem, p. 83). O discurso parece relacionar-se à noção da imortalidade dos Incas e funciona como antecipação do que ocorre dez anos depois, quando Viracocha Inca morre. A crônica relata que houve grandes cerimônias fúnebres. A eternização do Inca morto lembra os rituais faraônicos do *Ka*, o duplo. Pachacutec manda trazer o corpo mumificado do pai numa liteira de ouro carregada pelos principais de Cuzco e faz sacrifícios em honra da múmia, estabelecendo o culto dos Incas como filhos do Sol e deuses imortais:

...bien así como si fuera vivo...haciendo honrar e respetar su persona a los señores del Cuzco ya a los demás caciques bien así como si fuera vivo delante del cual bulto hacia sacrificar e quemar muchas ovejas e corderos (sic) e ropa e maíz e coca e dernamar mucha chicha diciendo que el tal bulto comía e que era hijo del Sol e que estaba con él en el cielo (Cap. XVII, 1ª parte, p. 85).

Ao constituir a múmia como vivente imortal, Pachacutec converte o passado do morto em um presente contínuo – *siempre que hubiese fiestas en el Cuzco se viniese a ballar en ellas* – e continua mandando fazer *bultos* ou múmias dos senhores Incas que tinham vivido desde Manco Capac, ordenando a construção de móveis, que a crônica chama de *escaños de madera*, lavrados, pintados e cobertos de plumas multicoloridas. Fazendo com que todas as múmias sejam colocadas neles junto com a múmia do pai, Pachacutec as põe na Casa do Inca. Quando entravam nela, os senhores antes faziam reverência ao Sol e a elas e, depois, indo para onde estava o Inca, repetiam-na (Cap. XVII, 1ª parte, p. 86). Para o serviço das múmias, Pachacutec nomeia *mamacunas* e *ayacunas* como *quipucamayoc* que, sabedores dos feitos de cada senhor múmia, cantavam-nos em todas as festas. Têm também a função mais prosaica de espantar moscas:

... e que siempre estuviesen estas mamaconas mujeres con unas plumas coloradas largas en las manos e atadas a unas varas con las cuales ojeasen las moscas que así en los bultos se asentasen...e con toda limpieza e reverencia e acatamiento estuviesen delante destos tales bultos (Cap. XVII, 1ª parte, p. 86).

Invenção, portanto, de uma estrutura triangular de poder, cujos vértices são o Sol, o Inca e as múmias dos Incas e de senhores principais. No capítulo XI, Betanzos escreve sobre *bulticos* da largura de um dedo feitos de ouro. Cada um deles valia por uma das linhagens de Cuzco e foram enterrados na praça da cidade; a partir disso, os senhores principais passaram a ser enterrados na Casa do Sol. Na mesma ocasião, Pachacutec manda fazer também um *bulto* do Sol, vestido por seu sacerdote, o *Intiphuillacum*, com a *mascapaicha* que faz o deus ser visto como um Inca que, por sua vez, é seu filho (Cap. XI, 1ª. parte, p. 52). Quando o levam em procissão ritual por todas as partes de Cuzco, os senhores carregadores da liteira sagrada proclamam que aquele é o Sol e que ele abençoa todo o seu povo. As oferendas de cada múmia – *el bulto comia* – provinham, como foi dito, de terras especialmente destinadas à produção de alimentos, roupas e adornos, sacralizando-se também a tributação.

Outros dispositivos de integração são legíveis na crônica. Um deles, fundamental e admirável, que causaria horror a religiosos espanhóis crentes na naturalidade bíblica da fome, já foi referido, o da produção de excedentes alimentares. Logo depois que se restabelece a agricultura na região de Cuzco devastada pelo ataque dos chancas, Pachacutec nomeia *cunacas* ou caciques nas várias regiões do Tahuantinsuyo. Fazendo com que se casem com mulheres dos clãs de Cuzco, propicia a formação de estreitos laços de parentesco e dependência entre os *ayllu*, clãs, o que é reforçado pela manutenção dos filhos dessas uniões como reféns na capital, onde aprendem quíchua e recebem a educação militar dos nobres. Depois, informa a crônica, chamando os *cunacas*, ordena que mandem semear, nas terras que administram, *muchas sementeras de todas comidas... que serian menester andando el tiempo* (Idem, *ibidem*). Simultaneamente, baixa leis que impedem e castigam com rigor toda forma de ociosidade. Por exemplo, a lei que determina a ocupação das crianças em trabalhos domésticos e outros, repartidos conforme o sexo e a hierarquia, a partir dos cinco anos de idade. Manda edificar em Cuzco armazéns muito grandes para estocar alimentos, lã e outros produtos, vindos das províncias. Como escreve Demétrio Ramos:

La utilización "continua" se convertía en un mecanismo de poder, tanto para disponer de provisiones, ganado, ropa – que se producirían también por encima del tope, para los destinos superiores –, como para poder contar con tropas adiestradas, en el mismo momento en que se necesitaban. Por lo pronto, con los excedentes se aseguraban los medios de subsistencia de viudas, huérfanos y necesitados, etc.; pero sobre todo reforzaban el poder discrecional del Inca, que "les decía lo que era bueno".¹⁷

A crônica ainda refere problemas de manutenção das conquistas. Os capitães de Uscovilca, o chanca derrotado, formam um exército de 200 mil homens, que Pachacutec combate e derrota em Xaquixahuana. Manda enforcar os prisioneiros em paus fincados no chão; suas cabeças cortadas são espetadas neles; cremados os corpos, as cinzas são lançadas nas montanhas. Os inimigos mortos no campo de batalha não recebem sepultura e ficam expostos ao tempo como exemplaridade do castigo do filho do Sol.

17. Idem, *ibidem*, p. LXX.

Em capítulos seguintes – XXI e XXII – Betanzos comenta mais leis e medidas de Pachacutec, ditadas quando tinha 70 anos, 200 filhos e 100 filhas: fixa a data do *Inti Raym*, a festa do Sol celebrada até hoje no Peru em 24 de junho; estabelece serviços de limpeza e coleta de lixo; abre casas de mulheres públicas; especifica critérios para a educação das crianças a partir de cinco anos de idade e os exercícios militares adequados; organiza o serviço dos *tambos* ou pousadas para soldados construídas nas estradas do Tahuantinsuyo com um intervalo chamado *xuco buaman*, “vão de falcão”, ou 40 léguas, com depósitos de alimentos, roupas e casas de *mamacunas* para *aderezar comida y chicha para los señores del Cuzco que por allí pasasen con gente de guerra, como yendo por mandado del Ynga a alguna parte*; determina que em cada povoado se escolha um *llactacamayo*, definido por Betanzos como *el más hábil y diligente* homem nomeado como uma espécie de ouvidor local posto em contato com um *llactacamayo*-geral de cada província que mantinha contato, por sua vez, com um *llactacamayo*-mor em Cuzco.

Nos capítulos seguintes, muito idoso, Pachacutec manda os filhos Amaro Tupac Inca e Paucar Usno conquistar o Collasuyo, o Sul, com 100 mil homens armados; morrendo queimado na guerra, Paucar Usno é divinizado. Pachacutec também envia o filho maior, Yamque Yupanqui, e outro, Capac Yupanqui, para combaterem no Chinchaysuyo, o Norte, e chegam até Caxamalca. Na região, Yamque Yupanqui coleta sementes e plantas desconhecidas e, separando gente habilitada para cultivá-las, manda plantá-las perto de Cuzco, em jardins que imitam os da antiga capital de Chimor, Chanchan. Continuando a campanha no Norte, Yamque Yupanqui leva um irmão menor, Tupac Inca Yupanqui, recém-casado com Mama Ocllo. Pachacutec ordena que retornem, pois o Sol o chama. Escolhe Yamque Yupanqui como sucessor, mas este declina do poder em nome do irmão mais novo, Tupac Inca Yupanqui, que acaba de ser pai. A criança chama-se Huaina Capac. Os irmãos dividem o governo: enquanto Tupac Inca Yupanqui parte para mais conquistas, chegando ao sul do lago Titicaca e à selva amazônica, no Nordeste, Yamque Yupanqui ocupa-se do governo, em Cuzco. É por isso que, embora não fosse Inca, Yamque Yupanqui consta no quadro de Betanzos como um deles.

Reinando Tupac Inca, houve contínuos levantes, que pacificou, segundo a crônica; mandou construir Xacxaguaman (Sacsahuaman). Seu irmão Yamque Yupanqui morreu durante as guerras e Tupac Inca deu todas as propriedades dele ao sobrinho de 14 anos, mudando-lhe o nome para Yamque Yupanqui e criando-o junto do seu herdeiro, Huaina Capac, dois anos mais novo que o primo. Pouco antes de morrer de um mal súbito, Tupac Inca reuniu todos os senhores, nomeou o sobrinho responsável por todo o gado do reino (lhamas, alpacas e vicunhas, que Betanzos propõe como “ovelhas” e “cordeiros”) e fê-lo pôr a *mascapaicha* na cabeça de Huaina Capac. Na crônica, essas medidas são indicativas da prudência de Tupac Inca, que prevê disputas pelo poder. Ficando homem, Huaina Capac viajou por todo o Tahuantinsuyo, como era costume dos Incas quando punham a *mascapaicha*. Manda construir um lugar de recreação no vale de Yucai, fazendo eliminar montanhas e desviar o curso do rio Urubamba. Conforme Betanzos, o filho de Huaina Capac, Atahualpa, nasceu de seu casamento com uma *ocello* de

Cuzco, Palla Coca, bisneta de Pachacutec e prima segunda dele. Seu filho Huáscar nasceu de Ragua Oello, de outra parte de Cuzco.

Com 200 mil homens, Huaina Capac atacou e conquistou Quito, onde pretendia, segundo Betanzos, erigir uma nova Cuzco. É nesse desejo – que implicou a divisão do Tahuantinsuyo na qual Quito seria a parte de Atahualpa – que radica, segundo alguns intérpretes da história inca, o apoio dos senhores cuzquenhos a Huáscar, como se lê na segunda parte da crônica. Nesta, Atahualpa projeta abandonar e mesmo destruir Cuzco, substituindo a capital por Quito. Nesse sentido, a conquista de Caxamalca por Pizarro viria, ironicamente, restabelecer por algum tempo a tradição do poder cuzquenho, o que talvez tenha contribuído, como propõe Demétrio Ramos, para favorecer a aceitação dos *viracochas* barbudos e paralisar qualquer reação contra eles¹⁸.

Huaina Capac estava em Quito, quando adoeceu – segundo a crônica, de lepra (Cap. XLVIII, 1ª. parte, p. 201). Supõe-se, hoje, que da varíola vinda da Europa. Antes de morrer, nomeou Inca sucessor ao filho, Ninam Cyochi, de um mês de idade. A escolha teria provocado descontentamento entre os senhores que, conforme Betanzos, atribuíram-na à debilidade causada pela doença. Nas cerimônias religiosas feitas para saber se a indicação era justa, todos os sinais foram negativos. Huaina Capac então nomeou Huáscar, mas as entranhas do animal também eram nefastas. Não houve tempo de escolher um terceiro; morto Huaina Capac e também a criança, Huáscar pôs a *mascapaicha* na testa. Com as novas da chegada de *unas gentes blancas e barbudas* a Tumbes, termina a primeira parte de *Suma y narración de los Incas*.

A segunda parte

Na edição utilizada neste texto, publicam-se onze capítulos da segunda parte (do capítulo XVI ao XXVI). Neles, Atahualpa já é o vencedor: seus capitães já tomaram Cuzco, Huáscar e sua família estão presos, aplicam-se castigos e ultimam-se as vinganças, como continuidade narrativa do tema da guerra. O outro tema tratado por Betanzos é o da chegada e contato dos espanhóis e da indecisão dos incas quanto à natureza deles, se deuses, se demônios, se homens. Antes de serem lidos, é útil fazer um retrospecto, que agora levará o leitor aos capítulos I e II da segunda parte de *Suma y narración de los Incas*.

Mumificado Huana Capac, acontece em Cuzco a grande festa fúnebre *Purucaya* e Huáscar é feito Inca, com o nome de Topa Cuxi Gualpa (Tupac Cuxi Hualpa); logo outras múmias são preparadas com pedaços da carne, unhas e cabelos do morto. Deslocando o foco, o narrador vai até Quito, onde Atahualpa faz a mesma festa e manda modelar duas múmias do pai com unhas e mais pedaços do corpo dele. Conforme a crônica, que contrasta um Atahualpa cordato com um Huáscar irascível, o primeiro manda confeccionar 20 vestidos de homem tecidos com ouro e os envia de presente para o irmão por meio de um senhor canhare, dando-lhe a ordem de informar que são o tributo da cidade de Quito e do súdito Atahualpa.

18. Idem, *ibidem*, p. LVII.

Na versão de Betanzos, agora explicitamente pró-Atahualpa, é Huáscar o iniciador da guerra. Caracterizando-o como um tipo cômico, que causa horror com seus vícios, a crônica o põe em cena bebendo chicha na praça de Cuzco, quando chega o mensageiro canhare:

... y como el Guascar vise la ropa delante de sí y estuviere tomado de la chicha levantóse en pie y tomó en las manos ciertos vestidos della y fuese para los señores que allí estaban los cuales habían traído el bulto y cuerpo de Guayna Capac del Quito y con la ropa que llevaba en las manos dió en los ojos a aquellos señores diciéndoles: tomad esta ropa que para vosotros la envia Atagualpa no para mí para que os la vistáis y os holguéis con ella y por ella os envia a decir que se quiere levantar y hacerse Ynga y tomó otras piezas della en las manos y hizolas pedazos y mandó que se levantasen los señores que con el habían estado mientras su padre estaba en el Quito y que las pisasen y las rompiesen los cuales se levantaron y las pisaron y rompieron y su madre Ragua Oello salió allí y dijole que no hiciese aquello que Atagualpa se lo enviaba como su vasallo (...) y que con aquellas cosas que más eran para indignar a las gentes que para atraerlas a su amistad a lo cual respondió el Guascar: mira la puta dejó su amigo en el Quito y ahora como ve sus cosas vuelve por ellas (Cap. II, 2ª. parte, p. 210).

Constituindo Huáscar como bêbado tomado de paixão – *...era odio de hombre que no tenía todas las veces claro el juicio* (Cap. III, 2ª. parte, p. 211) – Betanzos aplica-lhe o modelo aristotélico da virtude: Huáscar é excessivo, por isso vicioso e tirânico. Irado com a prudência de Ragua Oello, Huáscar rasga um dos vestidos enviados pelo irmão e atira os trapos contra os olhos da mãe, expulsando-a da praça com mais insultos. Em seguida, manda degolar o senhor canhare e esfolá-lo, fazendo um *atab*, tambor, da sua pele; os demais canhares da comitiva são amarrados, torturados e depois deportados como *mitimaes* para Vilcacunga. Proclamando que não é de Huanan Cuzco, terra de Atahualpa, mas de Huarin Cuzco, Huáscar declara que deseja o sangue do *ayllu* do irmão. É nessa passagem da crônica que Huáscar obriga Cuxi Yupanqui, irmão de Cuxirimay Oello, a chefiar um exército contra Atahualpa. Sempre bebendo chicha e tocando o *atab* feito com o senhor canhare, o tirano Huáscar escolhe um senhor chamado Hanco, dota-o de seis mil homens e ordena que marche sobre Quito, onde as notícias chegam e Atahualpa se espanta: *...maravilloso de la tal nueva y mandó que los señores se juntasen a consulta... fueron nombrados por capitanes Quizquiz y Chalcochima y Unanchullo y Ruminagui y Ycuragualpa y Urcuguaranga* (Cap. IV, 2ª. parte, p. 213). Os capitães de Atahualpa juntam 60 mil homens, enquanto os canhares da região de Quito bandeiam-se para a facção de Huáscar. Quando os exércitos se encontram pela primeira vez em Mochacaxa, morre Hanco e Cuxi Yupanqui é aprisionado. Como se viu, ao encontrá-lo, Atahualpa

...conosciendo que era su primo hermano Cuxi Yupangue abrazóle e hizole mucha honra e preguntóle allí que qué era de su hermana y mujer preguntándole por doña Angelina (*sic*) (Cap. IV, 2ª. parte, p. 214).

Enviando Quizquiz e Chalcochima em perseguição dos canhares, Atahualpa ordena, conforme a crônica, que *todos los que fuesen habidos así bombres como mujeres e niños de cualquier edad que fuesen se los enviasen a buen recuerdo* (Cap. IV, 2ª. parte, p. 214).

No capítulo V, Atahualpa regressa a Quito e castiga os canhares, ordenando que se arranquem os corações a três dos seus principais, enquanto diz aos outros presentes que deseja ver se órgãos tão malvados são negros. Conforme a crônica, ordena-lhes que os comam, para demonstrar com o ato que têm os seus bondosos. O que é feito, afirma Betanzos, até com certa disputa dos pedaços. Em seguida, Atahualpa manda vir alguns quillaycingas, que eram conhecidos por comer carne humana. Fazem um grande fogo, assam as carnes nele, molhando-as de em quando em quando com escovas embebidas em salmoura, e as devoram, à vista dos canhares reunidos, causando-lhes intenso horror. A seguir, Atahualpa toma a *mascapaicha*, sendo nomeado *Caccha Pachacuti Ynga Yupangue Ynga... que dice el Caccha que es el nombre del idolo de las batallas diciendo que imitaba a él en guerrear* (Cap. VI, 2ª parte, p. 221).

No capítulo seguinte, Huáscar envia reforços comandados por Huanca Auqui, seu irmão, para Aguapante, seu "general", como diz Betanzos. Declara Atahualpa *auca*, inimigo e traidor, determinando que só se refiram a ele como *Atahualpa auca*. Os guerreiros de Huáscar são derrotados, contudo, por Chalcochima e Quizquiz. Ainda envia mais 30 mil homens, chefiados por um capitão chamado Lhasca, ao irmão, Huanca Auqui, em Vilcachaca, perto de Caxamalea. Os senhores locais apóiam Chalcochima, porém, e Lhasca é morto. Huanca Auqui torna a recorrer a Huáscar, que lhe envia mais 30 mil homens chefiados por Coriatao. Fingindo bater em retirada, Quizquiz e Chalcochima levam os inimigos a uma emboscada e os destroçam, em Xauxa.

No capítulo IX, o narrador retoma a ação de Atahualpa, que sai de Quito e é recebido pelos canhares em Tomebamba; receosos da sua vingança, fazem-se antecipar dos seus meninos pequenos, que portam ramos verdes. Atahualpa ordena que as crianças sejam massacradas, conforme a crônica, que logo se apressa em informar que os senhores que andaram na guerra desmentem o acontecimento (Cap. IX, 2ª parte, p. 229). Não desmente, contudo, o que narra a seguir. Atahualpa ordena que os canhares adultos sejam enterrados vivos, dispondo-se os corpos à moda de um jardim. Também manda matar as grávidas, fazendo com que lhes *sacasen de los vientres las creaturas* (Cap. IX, 2ª parte, p. 230). Sempre avançando na direção de Cuzco, Atahualpa vai distribuindo atrocidades, castigos e vinganças, que o narrador não mais relativiza, afirmando que são verídicos.

Numa cena de tragédia, chega a Cuzco o "general" Aguapante, que dá a Huáscar a notícia das contínuas derrotas do exército e acorda a população, que é incitada a resistir. Mais uma vez, o narrador se põe contra Huáscar, na cena da lamentação das *yñacas*:

... y oída esta nueva por las señoras yñacas que dice matronas fue tanto el llanto que levantaron que la ciudad en todo aquel día no se entendieron a hacer cosa aún que Guascar salió y juntamente con los demás señores a las apaciguar (Cap. XII, 2ª parte, p. 237).

Sem resultados, no entanto, pois as *yñacas* rompem num pranto ainda mais convulso. Segundo o narrador, que não perde oportunidade para desqualificar Huáscar, elas sabiam

...que el Guascar era mancebo y desde su niñez tenía más experiencia en beber que en cosas de guerra y que la gente que tenía era muy poca... y sobre todo que el Guascar no era acogido a consejo ni parecer y que por su mismo juicio se gobernaba (Cap. XII, 2ª. parte, p. 238).

Praticamente vencido, Huáscar manda os 30 mil homens de que dispõe em Cuzco sair para o vale de Xaquexahuana, onde se encontra com Atecaque e os demais senhores, que trazem mais 30 mil. Em Vilcas, numa cena trágica que poderia ser comparada à do retorno de MacDuff ao seu castelo invadido pelos sicários de Macbeth, em *Macbeth*, Quizquiz e Chalcochima encontram a aldeia destruída por eles. Segundo a crônica:

Atecaque los hizo matar todos que no se le escapó ninguno y halló ciertas mujeres preñadas del Chalcuchima y Quizquiz a las cuales hizo abrir y sacarles de los vientres las criaturas y colgolas de los brazos de las madres e a las madres hizo colgar de árboles altos... y juró Chalcuchima por el sol y la tierra de no salir del Cuzco hasta prender a Atecaque y del se vingar (Cap. XIII, 2ª. parte, p. 238).

Tendo juntado as tropas, Huáscar divide os 60 mil homens em esquadrões. Reunindo os chefes, conforme a crônica, diz-lhes que vai avançar com cinco mil deles para que os inimigos os ataquem pensando que são poucos; o grosso da tropa, logo atrás, tomará o adversário de surpresa. Convenciona um sinal para o ataque: o guarda-sol de sua liteira será retirado e abaixado. Ao pôr do sol, informa Betanzos, avançou e passou a ponte de Cochabamba, prendendo um capitão e matando 500 homens de Chalcochima. Planejando surpreender a este e a Quizquiz, Huáscar avançou mais, prendendo outra tropa avançada dos inimigos, 200 homens, dos quais uns fugiram, indo avisar os chefes, que dividiram os guerreiros em dois esquadrões, um de seis mil, outro de mais de 100 mil homens, que tinham vindo de Quito *bien armados de camisetas estofadas de algodón y fuertes morriones y con sus hachas y porras y alabardas y macanas y lanzas y sus rodelas* (Cap. XIV, 2ª. parte, p. 244).

Betanzos caracteriza Chalcochima como estrategista hábil, dotado de astúcia e senso da oportunidade. Dispondo os seis mil homens no meio do caminho por onde Huáscar avança, instrui-os a inicialmente lutar, e, logo após, fingir que fogem como que desbaratados, até passarem o local onde o resto do exército estará oculto sob o comando de Quizquiz. Uma hora antes do amanhecer, chega Huáscar e, conforme Betanzos, encontrando os soldados *los cuales parecían que estaban durmiendo... luego fueron todos en pie y hicieron que peleaban y así pelearon un poco y pareciéndoles que era tiempo huyeron como les era mandado* (Cap. XIV, 2ª. parte, p. 244). Indo em sua perseguição, Huáscar é aprisionado. Depois de ter a camisa rasgada e arrancada, é vestido com a de um soldado morto:

... y su alabarda de oro y su yelmo así mismo de oro con su rodela guarnecida de oro y sus plumajes y insignias de guerra que él traía...se los enviaron a Atagualpa...para que... se lo pisase (Cap. XIV, 2ª. parte, p. 245).

Como já foi dito, Huáscar é caracterizado na crônica como tipo baixo; *sin ser y sagacidad que en tal tiempo se requería*, revela, estupidamente, seu plano aos chefes

inimigos. Chalcuchima manda separar cinco mil homens, sobe na liteira do prisioneiro, ordena que o guarda-sol real o acompanhe e sai em direção do inimigo. Leva consigo Huáscar em *angarillas vestido y de muy viles vestiduras*. Chegando perto dos inimigos, ordena a um dos lucanas liteireiros sair correndo como que fugindo e contar aos homens de Huáscar que ali vem o senhor Chalcuchima. Reconhecendo o lucana, que leva a camisa despedaçada de Huáscar, os guerreiros lançam as armas por terra e fogem. A guerra termina.

Resta comentar os capítulos restantes, que vão do XVI ao XXVI. A crônica abandona o tema da guerra e passa a tratar da chegada dos *viracochas*. Interessa observar, no caso, o modo como Betanzos compõe o que seria, segundo a sua verossimilhança, a maneira inca de inquirir e descrever. Por exemplo, informa que, na entrevista com os tolhances, que fizeram os primeiros contatos com os *viracochas* barbudos, Atahualpa inicialmente pergunta que nome têm os estranhos, ouvindo que se chamam *capito* (*capitán*). Interroga os tolhances, a seguir, sobre a maneira como os estranhos se vestem e a atenção fixa-se quase que totalmente nas mãos cobertas com outras mãos de pele, as luvas, e na coisa larga, pendurada na cinta dos *capitos*, que corta cabeças de animais (Cap. XVI, 2ª parte, p. 255). Segundo o relato, o Inca é tomado de pavor muito intenso, recebendo de um dos senhores o conselho de averiguar se os *capitos* são homens ou deuses: se forem *runa quicacha*, estragadores de gente, deve fugir; se forem *viracocha cum allichas*, deuses benfeitores de gente, ficar.

Os capítulos XVIII e XIX retomam o tema da guerra: Atahualpa perdoa a todos que lhe juram obediência; Cuxí Yupanqui entra em Cuzco e ordena a prisão dos inimigos do Inca em todo o Tahuantinsuyo; são executados os irmãos e as irmãs de Atahualpa adeptos de Huáscar, que é conduzido, amarrado, numa liteira (embora prisioneiro, a hierarquia é mantida, como era habitual nas culturas precolombianas); o Inca dá ordens para o despovoamento de Cuzco.

No capítulo XX, o nobre Ciquinchara, enviado por Francisco Pizarro, avista-se com Atahualpa e diz-lhe que os estranhos são *supai cumo*, demônios, e *quitas pumarangra*, gentes sem senhor derramadas saltadoras, aconselhando-o a matá-los. Ainda nesse capítulo, pode ser interessante observar que um advérbio, *nuevamente*, constitui os espanhóis como *viracochas*, quando Atahualpa pergunta a Ciquinchara *qué gente esta que nuevamente es venida a mi tierra*. No capítulo XXI, um indivíduo do Tahuantinsuyo que fala espanhol diz que os estranhos o haviam levado menino para a terra que fica “no fenecimento e remate da terra” (a Espanha), evidenciando o sentido do *nuevamente* da pergunta do Inca. Mas a duplicidade se mantém (Cap. XXI, 2ª parte, pp. 269-273). Ainda neste capítulo, quando Ciquinchara retorna a Pizarro, entregando-lhe dois vasos de ouro enviados por Atahualpa, diz-lhe que o Inca “seu filho” os manda, expressão que implica, no discurso de Betanzos, o acatamento da superioridade do espanhol como *viracocha*. O mesmo ocorre quando repete a nomeação de Pizarro como “pai”.

No capítulo XXII, Atahualpa decide obedecer à vontade dos estranhos, aceitando entrevistar-se com eles; no XXIII, os viracochas assaltam a Casa do Sol de Caxamalca, pilham o ouro, violam as mulheres e, inexplicavelmente, apesar do intuito de atacá-los que é declarado pelos capitães incas reforçados pelas advertências de Ciquinchara sobre a maldade dos *supai cumo*, o Inca não se decide. Bebe muito,

conforme a crônica, e está completamente bêbado quando Fray Vicente de Valverde apresenta-se a ele como filho do Sol, dando-lhe a Bíblia, que é arremessada longe pelo Inca, pois não escuta a Palavra que o religioso afirma que ela fala. O sacrilégio justifica o ataque em que, por Deus e por Santiago, os espanhóis cortam mãos e braços dos senhores que carregam a liteira do Inca. Antes de serem mortos, os senhores sem mãos e sem braços ainda tentam segurá-la com os ombros. A liteira cai e, com ela, o Tahuantinsuyo. Prisioneiro dos espanhóis, Atahualpa ainda ordena a morte de Huáscar, temendo que o irmão possa oferecer mais ouro que ele aos estrangeiros, conforme Betanzos (Cap. XXIV, 2ª. parte, p. 280). Tem-se, a seguir, o que se conhece: o batismo do Inca, a alma católica e o seu complemento, o garrote. O Tahuantinsuyo terminou, começa a narrativa da crônica e o remorso.